

UM PENTECOSTALISMO À MARGEM. DINÂMICAS POUCO CONHECIDAS DA IGREJA BATISTA SUECA NO BRASIL

A Pentecostalism on the margins. Little-known dynamics of the Swedish Baptist church in Brazil

Samuel Pereira Valério*

<https://orcid.org/0000-0002-3360-2185>

Faculdade Evangélica de São Paulo – FAESP, Brasil
samuelpvalerio@gmail.com

Recibido: 18-09-2022

Aceptado: 3-2-2023

RESUMO

O pentecostalismo no Brasil sempre suscitou muitas questões, algumas já respondidas e outras ainda sendo elaboradas. A Igreja Batista Sueca, fundada entre colonos suecos em Guarani (RS), se instalou promovendo um tipo de pentecostalismo distinto, portanto, este dossiê deseja propor algumas questões, com intuito de respondê-las. Existem lacunas nas análises sobre o início do pentecostalismo no Brasil? Podemos utilizar uma forma exclusiva para entendermos uma religiosidade tão fluida? O esgotamento analítico é uma preocupação neste texto, que

*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor da Faculdade Evangélica de São Paulo – FAESP; Membro dos grupos de pesquisa: Protestantismo e pentecostalismo brasileiro no GEPP, PUC-SP; grupo de Estudos Memória Religiosa e Vida Cotidiana – UMESP; da RELEP; do CEHILA Brasil



argumenta retornarmos as ferramentas para ampliá-las, aprofundá-las e estendê-las, para que possamos prosseguir nas pesquisas sobre a religião que mais cresceu no Brasil no século 20. Todas as facetas já analisadas trazem contribuições as atuais pesquisas, mas, em alguns aspectos já é possível averiguar esgotamentos, algo compreensível, quando existem novas perspectivas de observação sobre o fenômeno. A contribuição proposta aqui é termos, a partir do exemplo da IBS, o cuidado de não fecharmos questão sobre este tema extenso, profundo e plural.

PALAVRAS-CHAVE: Pentecostalismo; Igreja Batista Sueca; Atualização teórica; Releitura epistemológica.

ABSTRACT

Pentecostalism in Brazil has raised many questions, some already answered, and others still being worked on. The Swedish Baptist Church, founded among Swedish settlers in Guarani (RS), established itself promoting a different type of Pentecostalism, therefore, this essay wants to pose some questions in order to answer them. Are there any gaps in the analysis of the beginning of Pentecostalism in Brazil? Can we use an exclusive way to understand such a fluid religiosity? Analytical exhaustion is a concern in this text, which argues that we return the tools to broaden, deepen, and extend, so we could continue research the religion that grew the most in Brazil in the 20th century. All contexts analyzed bring contributions to the current research, but in some aspects, it is already possible to prove exhaustion, something understandable when there is new observation perspectives on the phenomenon. The proposed offer is based on the example of the IBS, we are careful to not close the question on this extensive, profound, and plural theme.

KEYWORDS: Pentecostalism; Swedish Baptist Church; Theoretical update; Epistemological rereading.

INTRODUÇÃO

Debruçar-se sobre o pentecostalismo para estudá-lo é desafiador. Isso porque, o fenômeno religioso pentecostal apareceu no Brasil a pouco mais de cem anos, promovendo uma revolução no campo religioso da nação. Nasceu discreto, marginalizado. Surgiu, trazido por imigrantes que se aventuraram em deixar seus países para *levar a mensagem que receberam*. Primeiramente, o imigrante Luiggi Francescon (1866-1964), em 1910, fundou em São Paulo, a Congregação Cristã no Brasil (CCB). Os imigrantes suecos Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), sendo de origem Batista, na Suécia, haviam experimentado a experiência do batismo no Espírito Santo através da oração de William Durham (1873-1912), após passarem por Chicago (EUA), desembarcaram em Belém (PA), em 1910 e, depois de reuniões de oração, onde a manifestação dos dons do Espírito Santo teriam ocorrido, foram excluídos da igreja Batista em Belém, fundando logo depois a Missão da Fé Apostólica, em 1911, o nome da missão foi alterado para Assembleia de Deus (AD), em 1918. Uma terceira fonte da mensagem pentecostal no Brasil, surgiu em Guarani (RS), em 1912, através do envio do missionário Erik Jansson (1885-1971), enviado pela Örebromissionen (Missão de Örebro – ÖM), iniciando o trabalho entre os colonos suecos, instalando naquela colônia a Igreja Batista Sueca (IBS). Dar-se-á ênfase a IBS, a fim de demonstrarmos que as análises sociológicas apresentam porosidades, captando as macroestruturas e não levando em consideração as microestruturas, dá-se ênfase as grandes denominações pentecostais, não se explicita as pequenas agremiações pentecostais.

Os estudos do movimento pentecostal no Brasil, são relativamente novos, tendo início no final da década de 1960, com Beatriz Muniz de Souza (1969), Francisco Cartaxo Rolim (1987), Paul Freston (1994), Ricardo Mariano (1999) e Leonildo Silveira Campos (1996, 2005 e 2010) não foram capazes de detectar igrejas pentecostais contemporâneas como a Congregação Cristã no Brasil e as Assembleias de Deus, detendo-se as macroestruturas e, deixando-nos aquém das microestruturas religiosas. Pesquisas recentes como de nosso mestrado, *Pentecostalismo de Migração: terceira entrada do Pentecostalismo no*

Brasil (2013), e doutorado, *Pentecostalismo brasileiro de imigração: contexto, cotidiano e institucionalização da convenção das Igrejas Batistas Independentes* (2019), e a pesquisa de mestrado de Wallace Góes da Silva, *Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil: fundação, re(d)ação e teologia no contexto brasileiro de 1934 a 1986* (2015), passam despercebidas diante da imensidão que se tornou o pentecostalismo no Brasil.

É fato que, assim como essas duas igrejas escorreram das mãos desses excelentes pesquisadores, outras igrejas possivelmente não foram captadas. Não podemos engessar nossas análises com a premissa que aquilo que se pesquisou até momento fecha a questão sobre as igrejas pentecostais fundadoras do movimento no Brasil e podemos apenas afirmar que essas igrejas foram até aqui catalogadas.

A proposta deste dossiê é trabalhar a IBS, como uma *nova* opção de olhar o fenômeno pentecostal. Através desta denominação religiosa, foi constatada a quebra do paradigma do pentecostalismo brasileiro pesquisado pela academia a partir da CCB e das ADs, tendo concentrados os principais estudos nessas duas agremiações religiosas. Somente a partir de 2019, em uma tese de doutorado, realizada por Valério, sob o título: *Pentecostalismo brasileiro de imigração: contexto, cotidiano e institucionalização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes*. Assim, analisaremos neste texto as especificidades dessa igreja e como ela se insere em um olhar micro do pentecostalismo, desfocando as análises daquilo que ficou consolidado como *pentecostalismo clássico*.

IGREJA BATISTA SUECA: UM PENTECOSTALISMO DISTINTO

A região sul do Brasil, na segunda metade do século 19, foi responsável por receber milhares de imigrantes vindos de várias partes do mundo, sobretudo, do norte da Europa. É possível detectar a presença de italianos, polacos, alemães e, suecos, grupo com o qual trabalharemos no texto. Diversas famílias escandinavas deixaram a região, fugindo da pobreza, doenças e da fome que assolavam os países europeus.

A região das missões, hoje uma localidade turística no noroeste do Rio Grande do Sul, nas colônias de Guarani e Ijuí, foram responsáveis por receber colonos suecos que fugiam, além das mazelas sociais europeias, da perseguição da igreja estatal sueca, a Igreja Luterana, que combatia a inserção de outras igrejas cristãs, chamadas de *igrejas livres*. Em 1907, a Örebromissionskola (Escola Missionária de Örebro), incorporou o pentecostalismo recém-chegado e, em decorrência do preparo teológico e do impulso pentecostal, muitos missionários saíram para regiões internas da Suécia e diversas nações, entre elas, o Brasil.

Alvarsson (2011, p. 22) nos expõe que após a solicitação de alguns evangelistas, Ongman iniciou uma escola de treinamento missionário em 1908, a Örebromissionskola. Posteriormente, a escola tornou-se um seminário teológico de três anos – aberto para mulheres –, sendo, provavelmente, o primeiro centro de ensino superior pentecostal no mundo. É muito relevante que, no início do século 20, havia um seminário aberto para receber mulheres vocacionadas ao ministério,¹ pois o contexto mundial e sueco era patriarcal.

Jansson formou-se em 1911, e encontramos entre os doze formandos na foto de sua formatura, cinco mulheres, além de haver uma mulher entre os nove docentes da Örebromissionskola, algo significativo, tratando-se do início do século 20. Esses formandos foram influenciados pela *nova* doutrina que se instalou na região, algo que os impulsionou a levarem a mensagem a outras partes da Suécia e a outros países, mas, as missões tinham seus olhares voltados para a Ásia, sobretudo China e Índia.

No ano de 1912, Erik Jansson, viajou de Örebro, Suécia, para o Rio Grande do Sul, a fim de alcançar esses colonos com a fé pentecostal que estavam *vivendo em uma escuridão espiritual*.² Em sua biografia,

1 TISELIUS, A. F. *Strödda predikningar*. Stockholm: Tryckt Ernst Westerberg, 1908. O autor relata sobre trabalhadoras missionárias no início do século 20.

2 Expressão utilizada pelos colonos ao pedirem um missionário, por carta enviada a *Svenska Tribunen*, publicada em novembro de 1911. Encontrada também em JANSSON (1941, p. 23-24); KAPPAUN (2012); VALÉRIO (2013, p. 91-92).

Jansson (1941, p. 53)³ afirma que chegou a Guarani, após uma longa viagem, traçando o caminho que desejava trilhar: encontrar-se com os colonos suecos e compartilhar com eles a fé Batista, com o intuito de consolidá-los religiosamente. O primeiro culto para os suecos em Guarani foi realizado à sombra de uma árvore de mate no quintal de A. G. Andersson. Jansson chegou em Guarani em 12 de setembro e, no dia 15, realizou o primeiro culto Batista na colônia. Não houve problemas de aculturação, pois conhecia a cultura e a língua. O que poderia ter dificultado sua adaptação seriam somente o clima e as doenças presentes naquela época.

OS BATISTAS E OS BATISTAS INDEPENDENTES

Existe uma percepção errônea que apresenta os Batistas como um grupo homogêneo no Brasil ou mundo. Os Batistas são grupos diversos, que se distinguem por várias características, entre elas o cessionistas – termo que caracteriza os Batistas que acreditam que dons espirituais foram dados a igreja primitiva –, e os continuistas – nomenclatura atribuída aos Batistas que creem na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo –, possibilitando assim, observar que os Batistas sempre tiveram liberdade para decidir entre acreditar ou não nessas manifestações espirituais.

Existem distintas convenções Batistas espalhadas no Brasil. Os chamados Batistas Brasileiros (1871) – Convenção Batista Brasileira – CBB⁴, oriunda de missionários norte-americanos; os Batistas Independentes (1912) – Convenção das Igrejas Batistas Independentes – CIBI⁵, fruto de missionários suecos; os Batistas Regulares (1936) –

3 Maiores informações sobre a historiografia da Igreja Batista Sueca em: VALÉRIO (2020).

4 http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24>> (Acesso em 16/09/2022).

5 *Närkesbladet*, 18 de outubro de 1912, sendo esse jornal o mais importante na cidade de Örebro, Suécia. Tivemos acesso a esse material no ArkivCentrum Örebro län em 20 de maio de 2012, durante a pesquisa do mestrado, com autorização expedida pela INTERACT. A tradução da carta foi feita por Silas Pereira Valério. (VALÉRIO, 2020, p.130; 294-295).

Convenção Batista Regular – CBR⁶, fundada pelo missionário americano Edward McLain; a Igreja Batista Nacional (1967) – Convenção Batista Nacional – CBN⁷, surge como um grupo que se pentecostalizou dentro da CBB e, após um cisma, fundaram sua própria convenção. Apresentamos aqui as principais. Todos esses exemplos demonstram a multiplicidade dos batistas, que tem um modelo de governo congregacional, isto implica em que as decisões da comunidade local têm autonomia frente a denominação. Algumas delas são igrejas cessionistas e outras continuístas, portanto, há batistas que não acreditam nas manifestações dos dons espirituais para a contemporaneidade, enquanto há outros que sim.

No caso da IBS, atualmente representados pela CIBI – Convenção das Igrejas Batistas Independentes, é uma denominação pentecostal, tendo um viés teológico carismático, pois acreditam que todos os dons determinam que o indivíduo recebeu o batismo no Espírito Santo. Contudo, esta agremiação religiosa tem porosidades teológicas. Por ser Batista, as igrejas têm liberdade em suas comunidades locais, sendo possível constatar elementos da teologia da prosperidade em algumas igrejas e, em outras, elementos da teologia protestante mais ortodoxa, por exemplo. Existe uma pluralidade doutrinária que está debaixo da sigla Batista Independente, fruto do recebimento de pastores oriundos de outras denominações pentecostais, sobretudo na década de 1970 e 1980, sendo recebidos, traziam consigo toda sua bagagem teológica, o que possibilitou os distintos olhares teológicos.

CARACTERÍSTICAS DE UM PENTECOSTALISMO ÉTNICO. A RACIONALIDADE ECONÔMICA DA IBS

O grupo de imigrantes que recebeu a mensagem pentecostal da IBS tinham algumas características. Eram agricultores com pouca locomoção, e Jansson enfatizando seu trabalho sobre esse tipo de público, obtendo resultados mais morosos, pois a resposta deles correspondia à dinâmica do grupo (Valério, 2020, p. 241). A IBS,

6 BOCOCCINA (2016, p. 51).

7 <https://cbn.org.br/institucional/quem-somos/> >> (Acesso em 16/09/2022).

contudo, não se deteve às colônias do extremo Sul do Brasil, mas expandiu-se também até atingir a capital do estado, Porto Alegre, aonde chegou em 1925, como nos narra Souza (2012, p. 109).

Weber (2012) afirma que múltiplas questões e respostas que envolvem a vida do ser humano e de suas relações sociais, a religião é, uma das formas de racionalidade econômica. Esta racionalidade pode ser, entre outros elementos, fundamental do processo de racionalidade econômica, além de valoração moral ou isolamento cultural.

Esta racionalidade que perpassa a religião está presente na ÖM e na IBS, mas não está presa somente ao carisma ou aos dons espirituais, como o pentecostalismo no início de instalação no Brasil ficou, mas está embasada na racionalidade herdada dos missionários suecos, dando uma formatação diferenciada, preocupando-se em formar comunidade e ajudar os colonos em suas dificuldades espirituais. Diferentemente dos demais pentecostalismos contemporâneos a ela, a IBS percorre um caminho distinto, dando uma conotação singular a este grupo religioso. Os carismas ou os dons ainda que façam parte desse pentecostalismo não é colocado como algo central, mas que caminha paralelamente, não atraindo a atenção dos pesquisadores desse fenômeno religioso, mesmo porque esses acadêmicos não perceberam esta característica, pois estavam centrados em distinguir os pentecostais através dos dons espirituais e do crescimento maciço, algo que não está contemplado na IBS.

Como nos colocou Alvarsson (2011), o pentecostalismo foi incorporado a Örebromissionsskola, e essa dinâmica possibilitou que o movimento herdasse a racionalidade econômica que fazia parte da estrutura da Igreja Filadélfia em Örebro, bem como da Örebromissionen. Essa característica fica evidenciada na ÖM, que enviava seus missionários e os sustentava fora da Suécia. A IBS chegou ao Brasil pentecostalizada, pois a ÖM recebeu o movimento pentecostal e o divulgou em seu curso de teologia, abrindo a mente dos estudantes ao recém-chegado movimento. Ressaltamos aqui que a ÖM, através da IBS e Jansson se enquadram na tipologia proposta por Weber. Os suecos que residiam na colônia em Guarani, encontraram na religião, neste caso a Batista, elementos que apontam sua racionalidade

econômica, através da estrutura disponibilizada pela ÖM, valorizando as questões étnicas e fé como forma de isolamento social, preservando assim a cultura, sendo agricultores de baixa locomoção, algo que caracterizou este tipo de pentecostalismo durante décadas. O modelo racional da ÖM é reverberado pela IBS, pois recebiam ajuda financeira da missão, a fim de concretizarem os trabalhos que estavam sendo desenvolvidos.

LIDERANÇA CARISMÁTICA HERDADA

Um importante aspecto apontado por Weber (2012, pp. 158-159) é a questão do carisma, que se refere a uma qualidade ou virtude considerada extraordinária, atribuindo-se a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos. Esse indivíduo se torna como enviado por Deus, como exemplar e, portanto, como *líder*. O modo objetivamente *correto* como essa qualidade teria de ser avaliada a partir de algum ponto de vista ético, estético ou outro qualquer. Contudo, para nós, o que interessa é como de fato ela é avaliada pelos caracteristicamente dominados de *adeptos*.

Cecília Loreto Mariz (2013, p. 304) sugere que o carisma, quando emerge, tem um caráter volátil e impermanente e se altera através da geração de forças encorajando os indivíduos a mudar suas rotinas, renunciando ao que norteia suas vidas e correndo o risco da anomia, na tentativa de alcançar o desconhecido. Arriscar-se em novos projetos, projetar-se diante do desconhecido, só são exequíveis quando se é motivado por uma fé carismática (racionalmente cega) em um novo projeto.

Observando a argumentação de Mariz, afirmamos que o carisma foi reconhecido por Ongman em Jansson quando o desafiou a vir ao Brasil. Jansson, que não aceitou a proposta de imediato e, após orar com Anna Malm durante um mês, decidiu aceitar o convite. Ongman reconhecia características importantes em Jansson a ponto de enviá-lo ao Brasil (Valério, 2020, p. 142).

Os imigrantes residentes em Guarani estavam admirados com a coragem de Jansson, que deixou seu país natal para cuidar deles em suas necessidades espirituais. Os colonos exercem aqui um papel determinante no reconhecimento do carisma outorgado por Ongman a Jansson, pois entendem que o esforço do missionário lhe dava as credenciais necessárias para que emergisse como um líder, alguém especial, *um enviado de Deus*.

IGREJA BATISTA SUECA, PENTECOSTAL OU CARISMÁTICA?

Distinguir o conceito de pentecostal ou carismático⁸ não é tarefa fácil, contudo, no campo da sociologia do pentecostalismo, análise da qual partimos neste dossiê, ambas estão contempladas dentro do mesmo espectro sociológico. Mas, para ficar claro as diferenciações entre os dois grupos na esfera teológica, faremos aqui uma diferenciação básica entre essas nomenclaturas.

Os pentecostais são caracterizados por acreditar que o batismo no Espírito Santo é evidenciado com o dom de línguas, glossolalia⁹, ou seja, o indivíduo receptor do carisma, necessariamente, na sua primeira experiência de êxtase, precisa falar no que os pentecostais denominam de *língua estranha*. A glossolalia – falar em línguas – foi manifestada, segundo esta perspectiva teológica, no dia de Pentecostes, relatado no livro bíblico de Atos, no capítulo 2. Os pentecostais entendem que o próprio batismo no Espírito Santo é um dom, tendo como evidência inicial¹⁰ o *falar em línguas*.

Os carismáticos são evidenciados teologicamente por acreditarem que todos os dons, ou carismas, dados pelo Espírito Santo à

8 Para uma análise crítica sobre as diferenças doutrinárias entre os pentecostais e os carismáticos, recomenda-se: BURKETT, Bill. (2016). *Pentecostais ou carismático?* Um chamado ao verdadeiro Pentecostes. Rio de Janeiro. CPAD.

9 *Falar em línguas* ou *língua estranha* são termos utilizados para exemplificar a glossolalia, que neste caso seria a manifestação de uma língua espiritual não compreendida pelos homens. Conforme a crença pentecostal, pode-se interpretar as línguas, e de forma geral, a sua interpretação é uma oração a Deus.

10 Para uma discussão mais aprofundada sobre esta preceptiva teológica, pode-se consultar: DANIEL, Silas. (2020). *O Batismo no Espírito Santo e as línguas*

igreja, manifestam que o indivíduo é batizado com o Espírito. Tanto a glossolalia, bem como qualquer outro dom do Espírito dado ao ser humano, evidencia que aquela pessoa recebeu o enchimento do Espírito, caracterizando assim, que ela é batizada no Espírito Santo. Pautam-se no texto bíblico das cartas de Paulo aos Romanos, capítulo 12, e aos Coríntios, capítulo 12 e 14, onde o apóstolo apresenta uma diversidade de dons. Os carismáticos acreditam que a manifestação das línguas ocorridas em Atos 2, são idiomas – xenolalia¹¹ –, pois as pessoas entendiam em seus idiomas a mensagem anunciada por Pedro, conforme no versículo 8.

Classificar a Igreja Batista Sueca com uma dessas categorias é uma discussão desnecessária, partindo de uma perspectiva sociológica, uma vez que ambas as classificações estão debaixo do escopo do pentecostalismo. A IBS é pentecostal, pois está inserida em uma realidade social na qual o pentecostalismo chegou ao Brasil, é também carismática, pois nunca esteve presa ao esquema doutrinário assembleiano, que propõe ser o carisma das línguas, a evidência inicial do batismo no Espírito Santo, antes, entende que todos os carismas são evidências do batismo no Espírito Santo.

PENTECOSTALISMO À MARGEM

Apesar das contribuições significativas de autores como Beatriz Muniz de Souza (1969), Francisco Cartaxo Rolim (1987), Paul Freston (1994), Ricardo Mariano (1999) e Leonildo Silveira Campos (1996, 2005 e 2010), escaparam igrejas dentro das agremiações contadas como centenárias do movimento pentecostal. A IBS, que nasceu em 1912, transformando-se na CIBI, que comemorou seu centenário em 2012. Cresceu substancialmente após a sua nacionalização em 1952, a CIBI não é considerada, nas análises desses autores, como uma das fundadoras do movimento pentecostal brasileiro. Portanto, no final

como sua evidência. A imersão plena no profetismo da Nova Aliança. Rio de Janeiro: CPAD.

¹¹ Acredita-se que a xenolalia é a capacidade dada pelo Espírito Santo para que a pessoa fale outro idioma sem nunca ter estudado e tampouco escutado o mesmo.

desta análise deixaremos essa questão como não finalizada, pois, assim como a CIBI, é possível que existam outras agremiações pentecostais microestruturais não contempladas nessas pesquisas.

As análises propostas pelos autores do pentecostalismo brasileiro debruçam-se, sobretudo nas ADs, maior denominação pentecostal em nossa nação, e, mesmo a CCB, pioneira na divulgação da mensagem pentecostal, não é trabalhada assiduamente. Pesquisas importantes são desenvolvidas, contudo, se detêm nas macroestruturas religiosas, desprezando, as microestruturas. As igrejas que se adequam as microestruturas do pentecostalismo fazem parte de um grande grupo de pentecostais. Diversas dessas igrejas são oriundas de cismas ocorridos dentro das ADs, por exemplo. Mesmo as ADs não são homogêneas, há pelo menos, três grandes denominações das ADs no Brasil: a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB, com sede em São Paulo – SP; a Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira – CONAMAD, com sede em Madureira – RJ, e; a Convenção da Assembleia de Deus no Brasil – CADB, com sede em Manaus – AM.

A Igreja Batista Sueca caracteriza-se como um pentecostalismo marginal, ou à margem dos outros pentecostalismos contemporâneos a ela. Isto ocorre, pois se desenvolveu entre agricultores de pouca locomoção, é uma igreja com ênfase étnica (o missionário Erik Jansson foi enviado para cuidar espiritualmente dos imigrantes suecos). Este articulista trabalha a referida igreja a mais de dez anos, percebendo suas peculiaridades, as tensões internas, as disputas pelo poder institucional, algo característico aos grupos religiosos.

Wallace Góes da Silva (2015) apresentou em sua pesquisa de mestrado a *Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil*, fundada em 1934 deveria estar contemplada entre as igrejas que inauguram a mensagem do pentecostalismo no Brasil, uma vez que, na sistematização feita, tanto por Freston (1994) Mariano (1999) e Campos (2005) não perceberam o surgimento desta igreja que está vinculada as microestruturas pentecostais.

O pentecostalismo cresceu sobretudo na periferia. Durante décadas foi caracterizado como uma religiosidade de pobres, de

marginalizados, de pessoas invisibilizadas socialmente, mas, quando estão em suas comunidades de fé, tornam-se porta-voz da mensagem de Deus. A preocupação que promovem as análises sobre fenômenos pentecostais é relativamente nova, se comparado a religiosidade majoritária, o Catolicismo e, ainda, ao protestantismo, ramos cristãos estudados pela academia a mais tempo. Os dados sociológicos sobre as igrejas pentecostais emergiram, pois, este grupo deixou o ostracismo para tornar-se uma religiosidade com importância na esfera pública. Na arena social, as classes são bem demarcadas e, a ascensão de atores pentecostais, que deixaram a base da pirâmide social e passaram a ocupar cargos e funções que estavam distantes deles em virtude de terem o preparo adequado para enfrentar o mercado de trabalho, algo que seus antecessores não tinham.

PENTECOSTAL: VIDA PRIVADA E ESPAÇO PÚBLICO

É bem comum observarmos que o pentecostal, periférico e pobre não separa a vida privada e espaço público. Ele entende que a sua fé diz respeito a todas as esferas da vida, portanto, seria incoerente estabelecer esta separação. Se desejamos compreender como se dá a experiência de vida do pentecostal, desde o início se faz necessário levar esta característica em consideração. É dado muito valor a prática de experiências sobrenaturais, fazendo deste fiel um *homem* ou *mulher de Deus*. Pauta-se na vida espiritual para se estabelecer entre eles uma forma de medir se algo ou alguém é ou não de Deus. Portanto, este fiel *cheio do Espírito Santo* é mais valorizado na comunidade do que aquele que não demonstre as mesmas características. A partir de sua cosmovisão aprendida, o fiel pentecostal desenvolve sua vida, casa-se, tem filhos, estabelece relações de negócios e vai vivendo a sua vida na *vontade de Deus*. Estes chavões são importantes na leitura da cultura pentecostal, pois estabelecem o nível de espiritualidade que o fiel tem, ainda isto se reproduz no espaço público, onde este tipo de pentecostal, em alguns casos é valorizado por estas características. Na fala de Mendonça (2008, p. 129):

Nas religiões em que se busca o êxtase é frequente o surgimento da glossolalia que, em muitos casos, é instrumento de profecias (revelações). O fenômeno pode surgir em qualquer participante, geralmente

acompanhado de tendências individuais naturais, como emotividade, misticismo ou estado de exaltação. O êxtase, quando acompanhado de profecia (revelação), que indica intimidade do indivíduo com o sagrado, geralmente confere ao possuidor desse “dom” grande prestígio no ceio do grupo. A profecia ou revelação é a manifestação da vontade da divindade para com seus seguidores ou até para com os indivíduos que não estão em êxtase.

Quanto mais profunda a experiência do fiel pentecostal com Deus, mais proeminência ele terá entre seus irmãos de fé. Valoriza-se muito a experiência, e entendemos ser este o caminho para uma epistemologia que dê conta de uma face do que é o pentecostalismo. Observa-lo apenas como um fenômeno social traz muitas respostas, porém, deixa várias lacunas as quais a experiência pode ajudar na compreensão. Tanto a imersão espiritual do indivíduo, bem como a sua ascensão no meio da comunidade religiosa, demonstra a mesma coisa: o sujeito é reconhecido pela comunidade de fé um bom pentecostal, um exemplo a ser seguido.

A afirmação de Eliade (2010, p. 25):

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta rupturas, quebras, há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa” (Êxodo 3:5). Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.

Partindo desse pressuposto, para o homem religioso, em nossa análise, o pentecostal, o que é relevante é o espaço sagrado e, a partir desse lugar ela observa o mundo e transpõe sua cosmovisão para desenvolver seu próprio meio de vida, não levando em consideração o que o lugar para além do sagrado o diz, ainda que este lugar possa, em muitas oportunidades exercer influência sobre o lugar sagrado. No mundo real somos atingidos e influenciados socialmente, porém, para o fiel pentecostal, na tentativa de opor-se ao mundo, ele nega esta

influência, sem se dar conta que tal influência se dá em pequenos detalhes da vida, como na concepção de se ganhar dinheiro, por exemplo. Entretanto, na tentativa de distanciar-se daquilo que julga não ser sagrado, ou para Eliade, profano, vai se distanciando daquilo que é possível, deixando de usufruir de muitos bens materiais.

Por outro lado, uma característica importante no pentecostal é a de abraçar causas sociais. É bem comum em comunidades pentecostais haver envolvimento com causas sociais. Existem aqueles que entregam cestas básicas nas casas de pessoas desprovidas, outras pessoas que trabalham com adictos e, em muitos casos tem convênio com casas de recuperação, onde os viciados são levados por um determinado tempo para se desintoxicarem, outros que trabalham com profissionais do sexo (prostitutas e travestis), trabalhos desenvolvidos na área de esporte e lazer, orfanatos, creches e escolas, entre outras coisas. O pentecostal entende que envolver-se socialmente representa revelar *Jesus Cristo a elas, o Santo de Deus*, portanto, quando o fazem, procuram desenvolver algum tipo de proselitismo com cultos, cânticos, pregações, orações e teatro. Deve ficar claro que isso em hipótese alguma diminui o trabalho dessas pessoas.

A POROSIDADE TEÓRICA NAS ANÁLISES DO PENTECOSTALISMO

A dinâmica de multiplicação do pentecostalismo assembleiano deve-se, sobretudo a questão da urbanização, algo apontado por Maxwell Fajardo (2017). Os fiéis pentecostais que deixaram as regiões norte e nordeste do Brasil para tentarem uma melhor qualidade de vida para suas famílias no sudeste e sul, trouxeram consigo sua religiosidade e algo que os caracterizava era que, cada fiel pentecostal, com a Bíblia na mão, poderia ser um portador da mensagem, um comunicador do evangelho, e suas casas tornavam-se locais de reuniões pentecostais, o que, em muitos casos, tornaram-se igrejas, posteriormente. A urbanização, como fenômeno social foi determinante para que a mensagem pentecostal se espalhasse por todo território nacional.

A abordagem sociológica do pentecostalismo no Brasil, centra-se, sobretudo, na análise das ADs, limitando-se a superficialidade, sendo incapaz de captar elementos que perpassam o cotidiano,

explorando um olhar outsider, desprezando as peculiaridades de um insider. Os pesquisadores insiders, além de maior capilaridade no campo religioso, podem apresentar elementos distintos, sobretudo das dinâmicas promovidas como oriundas das mensagens¹² dos líderes pentecostais. Surgiram nas últimas décadas, diversos pesquisadores pentecostais, muitos deles presentes na Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais, a RELEP Brasil, que trazem aspectos que condizem melhor ao cotidiano das agremiações religiosas pentecostais.

A RELEP Brasil é composta majoritariamente por pentecostais que pesquisam o pentecostalismo nas várias áreas das ciências humanas. Em sua maioria, são sociólogos e teólogos, mas há presença de historiadores e geógrafos. Este grupo tem contribuído significativamente para o avanço e distintos olhares do pentecostalismo, contudo, o esforço feito ainda não é suficiente, talvez nunca seja, pois o campo pentecostal se reconfigura constantemente, sempre sofrendo rupturas e ressignificações, algo muito peculiar as religiões no Brasil.

Faz-se necessário ressaltar que as lacunas teóricas estão postas, e mesmo diante da contribuição desses pesquisadores insiders, ainda há muito a ser trabalhado, uma vez que a multiplicidade de igrejas e a constante subdivisão do campo, deixam as pesquisas sempre atrasadas. Quando surge algo relevante para as pesquisas, novas configurações do campo limitam as análises. As ênfases dadas pelos pesquisadores do início do pentecostalismo, sobretudo, nas décadas de 1990, não correspondem mais ao que ficou cunhado como pentecostalismo clássico, pensando na formulação de Freston (1994) e Mariano (1999), por exemplo.

Alencar (2013, p. 33), um pesquisador insider, traça em sua pesquisa algumas peculiaridades sobre o pentecostalismo assembleiano. Aponta que existem três tipos de templos das ADs, o Templo-casa, Templo-pensão e o Templo-shopping. Trata-se de conceitos metafóricos, com duas objetivações: internamente eles servem para indicar o desenvolvimento histórico e institucional; externamente são “edifícios símbolos” (Abumanssur, 2004), elementos concretos de sua

12 Mensagem aqui refere-se a pregação do líder pentecostal.

peculiaridade. O Templo-casa refere-se aquelas salas que são utilizadas para dar início a um trabalho pentecostal assembleiano, geralmente com um líder leigo. Já o Templo-pensão, trata-se da localidade mais organizada, onde há um presbítero ou um evangelista para tomar conta da igreja, que geralmente está localizada em um imóvel alugado na periferia da cidade. Ainda, segundo a visão de Alencar, o Templo-shopping é aquele bem equipado, com estrutura de som e multimídia e está localizado em localidades centrais das cidades, e claro, é dirigido por pastores setoriais¹³, ou ainda, pastores presidentes¹⁴. O autor ainda destaca que há diferenças litúrgicas e sociais vivenciadas nestas distintas localidades de culto das ADs.

Marina Corrêa (2020, p. 61), nos explicita como se iniciou a dinâmica dos campos. A autora, faz menção da fala de Araújo (2007, p. 153), para expor como as constantes divisões, proveniente da abertura de igrejas sem autorização, prejudicavam os demais.

Tratando-se do campo assembleiano, Corrêa (2020, p. 64) comenta que os pastores presidentes, investidos de poder “supremo”, através de seus discursos arquitetam suas estratégias. De acordo com Bourdieu (2010, p. 55), para compreender “[...] o que pode ser dito e sobre tudo o que não pode ser dito no palco (grifo autor), é preciso conhecer as leis de formação do grupo dos locutores é preciso saber quem é excluído e quem se exclui”. Corrêa (2020, p. 64) prossegue afirmando que os pastores, sendo árbitros dos espaços que constroem, impõem regras de objetividade e, ao mesmo tempo, através da alegação que o que dizem é a palavra de Deus, buscam certa neutralidade, tornando o campo assembleiano um local de verdade, onde a tradição assembleiana, nos diferentes campos, diferenciam-se.

O exemplo da tipologia proposta por Alencar demonstra bem uma visão de dentro, detalhes imperceptíveis aos pesquisadores de fora. Portanto, é possível afirmar que a porosidade apresentada nas pesquisas

13 O pastor setorial é responsável pelo setor, nomenclatura que subdivide os campos assembleianos.

14 O pastor presidente é responsável por todos os campos daquela convenção. Existem pastores presidentes estaduais e nacionais, desempenhando suas atribuições, conforme a maior responsabilidade.

sobre o pentecostalismo, podem ser atenuadas em pesquisas insiders, contudo, jamais serão totalmente supridas, uma vez que a velocidade das mudanças dentro do campo religioso pentecostal impossibilita o cumprimento desta tarefa. Ainda, a análise de Correa traz luz a questões pertinentes ao assembleianismo no Brasil, articulando a atuação desses atores religiosos e todo prestígio que desfrutam de forma distinta, se comparado a atuação dos pastores que seguram as cordas, nas periferias, onde as ADs têm uma instalação significativa, confundindo-se muitas vezes com a cultura da periferia.

Na mesma pegada, Corrêa (2020) nos apresenta a dinâmica constante peculiaridades do pentecostalismo assembleiano, como a estrutura pastoral é almejada e perseguida a finco pelos obreiros emergentes. Esses detalhes sempre estiveram distantes dos olhares dos pesquisadores outsiders, mas, com o empenho dos pesquisadores insiders, tem aprofundado as análises, dando maior profundidade, enriquecendo o debate de pesquisa do campo pentecostal. Corrêa tem analisado as ADs a duas décadas, o que lhe dá as credenciais necessárias para falar com pertinência em suas análises.

RESQUÍCIOS DO CATOLICISMO NO PENTECOSTALISMO

Somos fruto de uma cultura católica, que permeia a cultura, o imaginário popular, através de lendas e festas, sendo ainda religioso, como romarias e mais recentemente as *Marchas para Jesus*, um tipo de romaria gospel, que tipificam bem como o encontro dessas culturas religiosas, católica e pentecostal, ressignificam o imaginário religioso brasileiro. A irmã do coque e roupa branca é a representação da beata católica de décadas anteriores, e são ícones nas comunidades do círculo de oração que ocorrem semanalmente nas igrejas pentecostais, sobretudo as periféricas. São enxergadas pela comunidade como um braço direito do pastor, não tem autoridade pastoral, mas visitam os enfermos e oram por eles. Na prática, essas pessoas desempenham um papel importante na comunidade, pois auxiliam espiritualmente e, em alguns casos, materialmente, aos necessitados.

Outro exemplo similar, são as irmãs da CCB – Congregação Cristã no Brasil –, que utilizam o véu. Tais ornamentos eram utilizados

pelas fiéis católicas que frequentavam as missas. Elementos como esses, presentes no Catolicismo e também em igrejas pentecostais nos apresentam um tipo de ressignificação de uma religiosidade que perdeu adeptos que, ao aderirem as igrejas pentecostais, inserem elementos do seu antigo grupo religioso, algo que no imaginário pode trazer um sentido mais profundo a sua nova prática de fé.

João Décio Passos (2005) afirma que o pentecostalismo é o Catolicismo popular urbanizado, pois, esse indivíduo que veio do campo, encontra nas igrejas pentecostais, práticas populares que estavam presentes na sua vida religiosa no interior. Portanto, as representações nesse tipo de Catolicismo, estão transmutadas no movimento pentecostal. Existe, por exemplo, uma ênfase no líder, assim como é comum a liderança suprema do líder no Catolicismo. Os papas estão presentes no pentecostalismo. Entre os pentecostais assembleianos, os pastores presidentes exercem um fascínio sobre os demais. Entre os Batistas Independentes, os missionários suecos exerceram a função de pessoas intocáveis, verdadeiros heróis da fé. É possível encontrar diversas similaridades entre a prática pentecostal e esse tipo de Catolicismo rural.

A questão fundamentalista na CCB e no início das ADs, também é algo herdado do Catolicismo popular, que perseguiram os demais grupos religiosos. No início da República, com a instalação do pentecostalismo no Brasil, houve, sobretudo no norte do país perseguições contra os cristãos pentecostais. Rafael da Gama (2022) demonstra como essa relação entre as distintas religiosidades presentes na região eram confrontadas com a religião hegemônica naquele contexto, a Igreja Católica.

Na contemporaneidade, os pentecostais, que agora estão em lugares antes desejados, reverberam o modelo contundente de confronto que sofreram no início do século 20. É comum os cristãos pentecostais, certos de serem portadores da *verdade do evangelho*, perseguem as religiões de matriz africana, e outras religiosidades minoritárias que compõe a imensa gama de religiões presentes em nossa nação. Utilizando uma linguagem bélica, enfrentam de frente o

perigo de desafiar a lei, uma vez que o Estado garante a liberdade de culto a todos os brasileiros.

PERSPECTIVAS PARA O PENTECOSTALISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO E A IBS

Ribeiro (1996, p. 340) ressalta que o Catolicismo estava profundamente enraizado na cultura brasileira, romper com ele significou também romper com a cultura do país. As danças, os festejos populares e a irreverência própria da brasilidade, de certa forma, serem ao mesmo tempo culturais e religiosos, além de outros traços nacionais, deviam ser abandonados. Essa forma religiosa promoveu uma religião contra a cultura, tendo poucas conexões com ela, que estaria fadada ao insucesso no crescimento e fortalecimento social, tendo dificuldade de comunicação do evangelho de forma inculturada.

A análise apresentada por Ribeiro do futuro do pentecostalismo, não se sustentou, ao contrário, diferentemente de outras religiosidades cristãs no século 20 e 21, o pentecostalismo tornou-se fenômeno de crescimento e consolidação, angariando espaços jamais imaginados em seu início. Pensando na formulação de Weber (2004, p. 34), que atesta a favor da ligação e “regulamentação religiosa da vida”, ascese e dedicação, e por outro, “participação na vida de aquisição capitalista”. O afastamento dos cristãos pentecostais das *coisas do mundo*, não fazem mais parte do estereótipo, algo que tem sido alterado profundamente, em decorrência de todos os aspectos aqui elencados. O que norteava a ética protestante calvinista, na perspectiva weberiana, não está mais presente na religiosidade pentecostal.

Algo característico apontada entre os mais pobres é o *powerlessness* (Cavalcanti, 1987, apud Mariz, 1996, p. 176). Fato é que os mais carentes têm menos possibilidades de mudar seu destino, tendo menos opções, tornando-se presas da estrutura social e de fatalidades, como coloca-nos Mariz (1996, p. 176). As religiões que creem em milagres, em geral, oferecendo um poder sobrenatural aos mais fracos, algo que compense a ausência de poder neste mundo. Através do poder religioso/mágico, tais pessoas podem superar a síndrome de falta de poder, perdendo assim, o sentimento negativo de impossibilidade de

traçar seu próprio destino. Contudo, a crença em um poder sobrenatural e experiências com os milagres não são o que mais ajudam o indivíduo a sentir-se no controle de sua vida. Muitas vezes, a crença no poder mágico não é o bastante. É possível notar que na história de vida de pentecostais, bem como de membros de outras confissões religiosas, por maior fé que possam ter no sobrenatural ou mágico, as pessoas confrontam-se no cotidiano com muitos milagres que não ocorrem. Permanecem o sentimento de controle sobre a vida, quando se possui o que Antonovsky (1979, apud Mariz, 1996, p. 176) chamou de *lawfulness* ou *senso de coerência*, ou seja, quando se atribui um sentido tanto ao milagre quanto à sua essência e se acredita que *as coisas serão como devem ser*, conclui Mariz.

Esse empoderamento recebido pelos fiéis pentecostais da IBS tem determinado o movimento a atualidade, uma vez que não estão mais avessos a desfrutar das ofertas cotidianas vindas de vários setores sociais, principalmente da parte do entretenimento. Outro aspecto da religiosidade pentecostal da IBS atualmente é o acesso maciço a internet, pois no modelo de ser pentecostal, não há mais necessidade de um vínculo exclusivo com a igreja local, pois os influenciadores religiosos estão na rede, mentoreando diversas pessoas, através de palestras, lives e encontros virtuais. Diminuem-se as distâncias e se aumenta os lucros. Algo buscado também pelos pastores virtuais, que cobram por suas mentorias e exploram os resultados como uma conquista pessoal.

Para se entender a IBS é preciso levar em conta a diversidade do pentecostalismo, logo, a IBS precisa ser analisada com distanciamento das práticas dos demais pentecostalismos. Cada pentecostalismo tem suas especificidades, características próprias e singularidades, algo que enriquece as análises e não o contrário. Portanto, o desafio para os pesquisadores deste fenômeno religioso é ampliar a discussão trazendo novas perspectivas, para que não incorramos em erros cometidos no passado. É um movimento distinto, trazido por missionários com uma cultura, dinâmica e prática incomum a nossas análises. Partimos sempre com um olhar de cultura brasileira, mas como entender um grupo praticamente isolado em uma colônia, falando seu idioma natal e vivendo de forma centrada na etnia? Sendo

um campo religioso complexo e fluído, como é possível compreender os pentecostalismos partindo dos mesmos pressupostos? No desafio da pesquisa sempre nos deparamos com limites, reconhecê-los nos traz humanidade, demonstra que existem perspectivas ainda não exploradas e que devemos estar abertos ao sopro do Espírito Santo, pois ele sopra onde e como quer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do movimento pentecostal no Brasil continua levantando-nos dúvidas, trazendo estranhamento na composição das distintas formas de instalação, cada qual com as suas idiossincrasias. A Igreja Batista Sueca suscita-nos a percepção de que ainda há onde escavar para se entender o movimento pentecostal brasileiro em sua origem. A IBS nos expõe os limites analíticos com os quais temos trabalhado a muitos anos, demonstrando-nos que devemos ampliar o horizonte de pesquisa, percebendo que outras formas de pentecostalismo estão presentes em nossa nação. O esforço dos pesquisadores sempre foi de suma importância para que compreendêssemos o fenômeno, mas, assim como em outras áreas da ciência existe um esgotamento analítico, o mesmo processo ocorreu com as investigações neste campo, que necessitam continuar abertas para receber novas percepções sobre este campo religioso diverso.

Como argumentado neste dossiê, a IBS é uma igreja pentecostal, centenária, que se expandiu pelo território nacional, mas com outra estratégia de crescimento. Racionalmente, projetou seu avanço pelo país, através de iniciativas missionárias pontuais, ficando circunscrita ao Rio Grande do Sul durante seus primeiros quarenta anos, com exceção de uma igreja no estado de São Paulo. Diferentemente da CCB e das ADs, não se utilizou do fenômeno social da urbanização brasileira para se expandir, antes, planejou seus passos, algo que tornou seu crescimento moroso, mesmo assim, foi fiel aos seus planos iniciais de cuidar dos colonos suecos, de crescer e consolidar-se com uma terceira entrada do pentecostalismo brasileiro.

Suas peculiaridades a fazem uma forma distinta, um modelo diferente, uma igreja pentecostal única. A IBS não se encaixa nas

tipologias propostas pelos acadêmicos que leem o pentecostalismo brasileiro, possivelmente por suas características únicas, não sendo percebida por eles. O campo religioso brasileiro é algo efervescente, que se move constantemente, fluído e com uma complexidade enorme. O pentecostalismo, desde seu início estabeleceu um modelo religioso que se fragmentava bastante, algo que vai produzindo obscuridades para se entender as rupturas.

Existe a necessidade de novos aportes teóricos para que possamos conseguir enfrentar os limites postos e, para que isso ocorra, os pesquisadores necessitam revisitar as ferramentas de compreensão para que possam avançar, compreendendo que existem hiatos que podem ser resolvidos e outros precisam ser verificados de forma diferenciada, como no caso da IBS. Para se entender esta igreja, devemos levar em consideração a cultura da qual ela veio, a sueca. Sua forma de atuação destoa profundamente dos demais pentecostalismos contemporâneos a ela, mesmo assim, ainda que haja aproximações analíticas importantes, existem distanciamentos que necessitam ser compreendidos para que nos aproximemos de uma verificação coerente.

Nossa preocupação neste dossiê foi analisar essas diferenciações, essa forma distinta de ser pentecostal, com o carisma herdado pelo missionário da ÖM, com racionalidade econômica estabelecida desde seu surgimento. Todo este arcabouço estrutural é preciso ser levado em consideração, pois trata-se de um pentecostalismo à margem, que está presente no cenário religioso, mas se desenvolve de forma pontual, distinguindo-se em muitos pontos, e aproximando-se em outros. Não existem precisão para se compreender outras manifestações religiosas partindo dos mesmos pressupostos, portanto, a IBS nos direciona a produzir novas perguntas, aprofundar as questões, ampliar as averiguações para que nossas observações feitas sobre o pentecostalismo no Brasil não se esgotem, ao contrário, possa continuar a produzir reflexões pertinentes.

REFERÊNCIAS

- Alvarsson, J. Å. (2011). The development of Pentecostalism in Scandinavian countries. In: Kay, W. K. & Dyer, A. E. (Eds.) *European Pentecostalism* (p. 19-39) Leiden/Boston: Brill.
- Bococcina, C. A. S. (2016). *Uma missão no interior: o início do movimento Batista Regular no Brasil (1936-1950)*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.
- Burkett, B. (2016). *Pentecostais ou carismático? Um chamado ao verdadeiro Pentecostes*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Campos, L. S. (1996). Protestantismo histórico e Pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In: Gutiérrez, B. F. & Campos, L. S. *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina – um desafio as igrejas históricas* (p. 77-120). São Paulo: Associação Literária Pendão Real.
- Campos, L. S. (2005). As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. *REVISTA USP*, 67: 100-115.
- Campos, L. S. (2010). Observações sobre a história centenária do pentecostalismo no Brasil. In: Oliva, A. S. & Benatte, A. P. (org.). *Cem anos de Pentecostes: Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil* (p. 7-22). São Paulo: Fonte Editorial.
- Corrêa, M. A. O. S. (2020). *Dinastias assembleianas: sucessões familiares nas igrejas Assembleia de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar.
- Eliade, M. (2010). *O sagrado e o profano - a essência das religiões*. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes.
- Fajardo, M. (2017). *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil*. 1ª ed. – Curitiba: Editora Prismas.
- Mariz, C. L. (1996). Pentecostalismo e a luta contra pobreza no Brasil. In: Gutiérrez, B. & Campos, L. S. (Eds.). *Na força do Espírito. Os Pentecostais na América-Latina: um desafio para as igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literária Pendão Real. p. 169-189.

- Freston, P. (1994). Breve História do Pentecostalismo brasileiro. In: Antoniazzi, A. *Nem anjos nem demônios*. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 67-99.
- Limnderholm, E. (1925). *Pingströrelsen i Sverige. Ekstas, under och apokalyptik i nutida svensk folkreligiositet*. Stockholm: Albert Bonniers.
- MacArthur, J. Jr. (2011). *O caos carismático*. São José dos Campos, SP. Editora Fiel.
- Mariano, R. (1999). *Neopentecostalismo: Sociologia do novo Pentecostalismo brasileiro*. São Paulo: Edições Loyola.
- Mariz, C. L. (2013). Instituições tradicionais e movimentos emergentes. In.: Passos, J. D. & Usarski, F. *Compêndio de Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus.
- Mendonça, A. G. (2008). *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Ribeiro, C. O. (1996). Movimentos pentecostais, carismáticos e mística cristã. desafios teológicos e pastorais. *Perspectiva Teológica*, 28(76): 339-364.
- Silva, W. G. (2015). *Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil: fundação, re(d)ação e teologia no contexto brasileiro de 1934 a 1986*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.
- Souza, E. C. (2012). Expansão missionária nacional. In.: KAPPAUN, Marciano (Org.) *Da Suécia ao Brasil – uma história missionária*. Campinas: Batista Independente.
- Valério, S. P. (2013). *Pentecostalismo de Migração: terceira entrada do Pentecostalismo no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. São Bernardo do Campo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo.
- Valério, S. P. (2019). *Pentecostalismo brasileiro de imigração: contexto, cotidiano e institucionalização da convenção das Igrejas Batistas Independentes*. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. São

Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.

Valério, S. P. (2020). *Uma nova origem do pentecostalismo: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912*. São Paulo: Recriar.

Weber, M. (2004). *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.